

MOTIVOS PARA ADERÊNCIA À PRÁTICA DE ESCALADA E RAPEL NA REGIÃO DA BACIA SEDIMENTAR DO ARARIPE

A.J.S.Gomes

Curso de Desporto e Lazer / Educação Física – CEFET-CE
Av. Plácido Aderaldo Castelo S/N -Lagoa Seca-Juazeiro do Norte Cep:63040-540
E-mail: alanajoyce1@hotmail.com

L.C. Das Neves

Curso de Desporto e Lazer / Educação Física – CEFET-CE / Programa de Pós- Graduação Strictu Sensu em Ciências da
Motricidade Humana – PROCIMH-UCB/RJ
Av. Plácido Aderaldo Castelo S/N -Lagoa Seca-Juazeiro do Norte Cep:63040-540
E-mail: luciano.cefet.ce@bol.com.br

1 RESUMO

Este estudo teve por objetivo investigar, na visão de praticantes, os motivos desencadeadores de aderência às atividades escalada e rapel na região da Bacia Sedimentar do Araripe. Para tanto foi realizada uma pesquisa descritiva de campo. O instrumento utilizado para coleta de dados foi um questionário contendo questões abertas e fechadas. Nas questões fechadas os componentes da amostra tiveram oportunidade de escolher o grau em que cada motivo se lhe apresenta. Já nas questões abertas puderam expressar suas sensações ao realizar as práticas. Assim têm-se os motivos relacionados ao espaço de prática como destaque sendo visto pela maioria como fator totalmente importante, os motivos relacionados com o lado social também se mostraram de grande importância, assim como o gosto pelo perigo e a vontade para superar limites. A influência externa foi apontada como um importante motivo para a aderência na escalada e no rapel. As sensações apontadas foram: conquista e superação, durante a escalada; medo e risco, durante a saída para o rapel; liberdade e tranquilidade, na descida e euforia e felicidade, na chegada ao chão. Ficou, então, evidente que há muitos fatores que levam à prática da escalada e do rapel na região estudada, as informações obtidas nesse trabalho pode apontar sugestões que permitam ampliar a compreensão do universo relativo a tais práticas, como também a outras práticas de esportes de aventura junto a esse enorme complexo coberto de diversidades que é a Bacia Sedimentar do Araripe.

PALAVRAS-CHAVE: escalada, rapel, motivos.

1. INTRODUÇÃO

Os esportes de risco e aventura têm, cada vez mais, dominado a sociedade como um todo, atingindo ramos diferentes da mesma. Nesse estudo foi utilizado o conceito de Spink; Aragaki e Alves (2003) para o risco-aventura, descrito como uma atividade que pode ou não ser competitiva e é caracterizada por estar vinculada ao desafio aos limites físicos e aos limites às habilidades e estando associada à sensação de vertigem, e que neste estudo foi designado o termo esporte de aventura para melhor caracterizá-lo. Os esportes de aventura se encontram inseridos num amplo contexto de possibilidades, sendo dividido em diferentes categorias variando de acordo com o meio a que estão inseridas. Aqui foi feita a opção por estudar a escalada esportiva, que consiste em subir uma parede rochosa utilizando somente os apoios naturais da mesma e para maior praticidade será chamada apenas de escalada. Além desta foi abordado o rapel, esporte de aventura praticado em meio natural caracterizado como uma técnica de descida que o praticante utiliza para transpor obstáculos como, paredões e cachoeiras, entre outros, com o uso de cordas ou cabos.

A Bacia Sedimentar do Araripe – possuidora de uma abrangente biodiversidade, presença de sítios arqueológicos e um grande número de fontes naturais – é alvo de estudiosos e pesquisadores e possui um enorme potencial em áreas como turismo, ecoturismo e turismo de aventura. Além de possuir um número considerável de esportistas que utilizam os seus recursos naturais para a prática, individual ou coletiva, de atividades físicas. Sendo assim esta Bacia foi eleita como fonte de estudo para a nossa pesquisa. A região já começa a se adaptar para atender as necessidades de um cidadão, ecologicamente consciente, que sobe a chapada para praticar suas atividades favoritas em meio natural. Percebem-se essas adaptações no comércio com a presença de lojas especializadas, na atração de competições envolvendo esportes de aventura para a região e na formação de grupos organizados, podendo este ser um contribuinte para os crescimentos sociais, econômicos e acadêmicos da região. No entanto há carência no que diz respeito a estudos científicos locais, tão importantes para o crescimento de qualquer modalidade esportiva. O objetivo deste estudo é identificar os motivos que levam os esportistas a aderirem à prática de escalada e rapel na região da Bacia Sedimentar do Araripe. O estudo se mostra relevante quando vem para despertar acerca da importância dessas atividades praticadas na natureza que emergem para criar novas possibilidades seja no âmbito da saúde e bem estar ou na realidade social econômica e política da região estudada. Mostra-se importante na medida em que se apresenta como fonte de informação para os praticantes, profissionais e estudantes relacionados direta ou indiretamente com os esportes de aventura. Outro ponto que justifica o estudo é a produção nacional acadêmica, já que o mesmo vem como subsídio a mais para o fortalecimento do conhecimento científico.

2. BACIA SEDIMENTAR DO ARARIPE

2.1. Localização, Geomorfologia e Locais de Prática

A Bacia Sedimentar do Araripe localiza-se no alto sertão nordestino, com uma área de 11.000km², sendo aproximadamente delimitada pelas coordenadas geográficas: 38°30'00 e 40°55'00 de longitude oeste de Greenwich, 7°10'00 a 7°50'00 de latitude sul (ver figura 01). Engloba parte dos estados de Pernambuco, Ceará e Piauí. Há importantes municípios contidos em sua área de domínio, sendo destacados os seguintes: Crato, Juazeiro do Norte, Barbalha, Missão Velha, Brejo Santo e Milagres no estado do Ceará; Araripina, Ipubi, Trindade, Ouricuri, Bodocó no estado do Pernambuco e Simões no estado do Piauí.

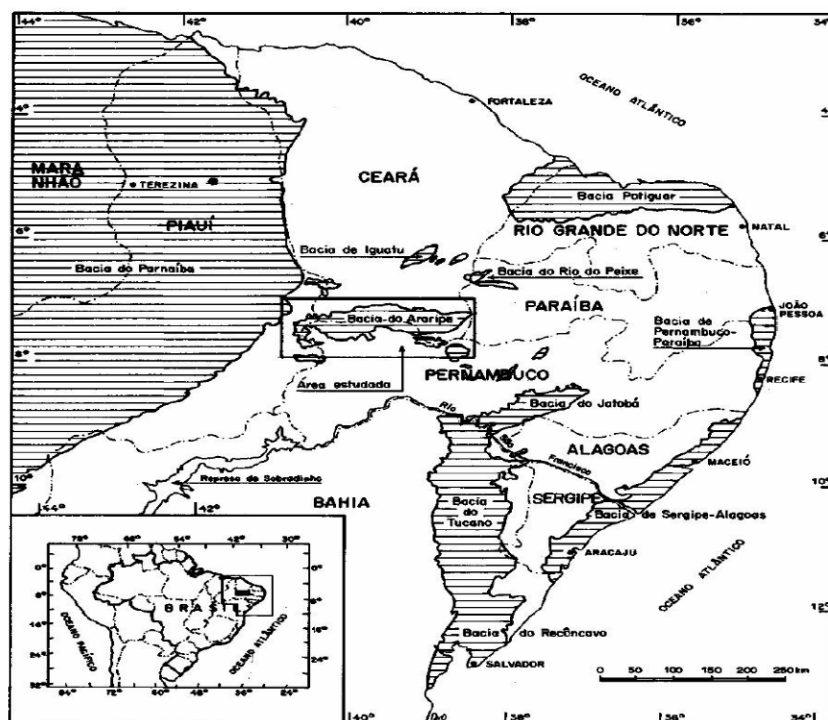


Figura 01: Mapa da região Nordeste do Brasil Mostrando a Chapada do Araripe, Revista Brasileira de Geovivências. 1992

Segundo Ponte e Appi (1990) a geomorfologia divide a Bacia do Araripe de acordo com a litologia, relevo, clima, hidrografia, e vegetação. Assim são encontradas as seguintes zonas distintas (ver figura 2): Zona de Chapada ou Chapada do Araripe composta por arenitos, apresenta relevo tabular quase plano. Esta zona é dividida em dois segmentos. O primeiro, localizado nos limites dos estados de Pernambuco e Ceará, estende-se na direção E-W, cobrindo uma área aproximada de 180 quilômetros de comprimento e largura variável entre 30 e 50 quilômetros. O segundo localiza-se nos limites dos estados de Pernambuco, Ceará e Piauí na porção ocidental da Bacia, se estende na direção N-S por aproximadamente 60 quilômetros, com largura média de 20 quilômetros. Suas altitudes no primeiro segmento decrescem no sentido E-W, atingindo elevação máxima de 1.000m ao norte de Porteiras (CE) e mínima de 700m nas imediações de Araripina (PE). No topo da Chapada o solo apresenta-se uniforme, arenoso, poroso e permeável e possui uma vegetação nativa uniforme, densa e de médio a grande porte. Na agricultura a lavoura de mandioca é a que mais se destaca.

A Zona de Tabule encontra-se no sopé da Chapada e a sua geologia é formada por siltitos e arenitos argilosos e/ou caulinitos e margas, folhelhos e calcários contendo níveis intercalados de gipsita que são oriundos da formação Santana. O solo é de baixa acidez, espesso, pouco permeável e muito fértil. Contem centenas de fontes naturais. A Zona de Pediplano também chamada de Vale do Cariri constitui uma depressão com 1.500km² de extensão. Sua área de domínio começa na região do Crato, Juazeiro do Norte, Barbalha, Missão Velha, indo até os municípios de Abaiara, Milagres e Mauriti a leste, Brejo Santo, Porteiras, e Jardim ao Sul (ver figura 2). Sua topografia possui altitude média de 400 metros, sendo caracterizada por morros alongados entremeados por vales amplos de fundo plano. Como exceção a essa topografia tem-se a Serra da Mãozinha, possuindo altitude máxima entre 800 e 900 metros, se encontra nesta zona, mas é uma saliência das zonas de Chapada e Talude. Suas litologias se relacionam às formações Brejo Santo e Missão Velha, Abaiara e Rio da Batateira, este conjunto é balizado ora por arenitos, ora pelas rochas do embasamento cristalino precambriano. O solo tem composição argilo-siltica-arenosa, arenosa ou argilosa, com vegetação nativa tipicamente de caatinga.

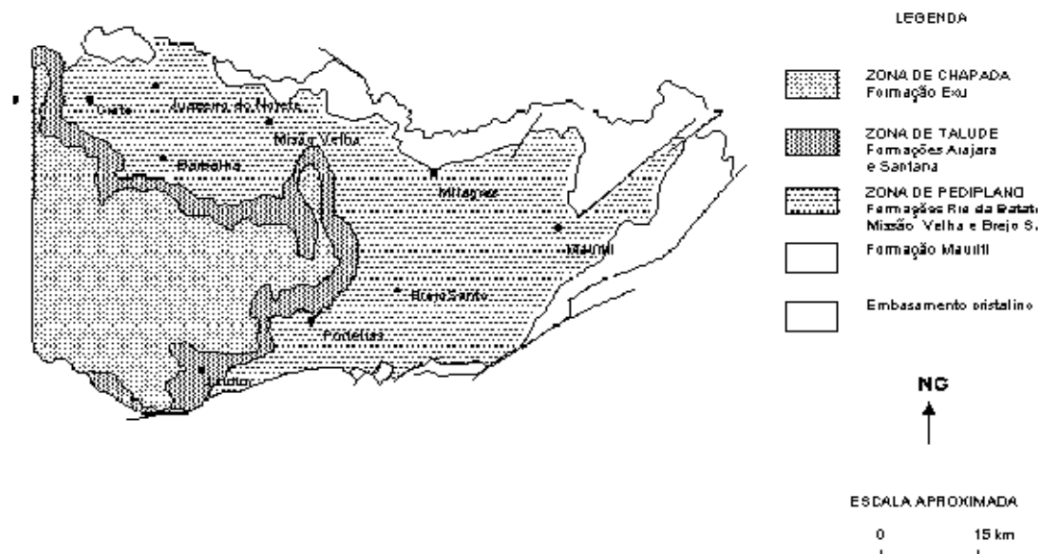


Figura 02: Zonas isográficas da parte leste da Bacia do Araripe (DNPM/PE)

Dentro das zonas descritas acima pode-se encontrar espaços propícios para a prática de esportes de aventura. De acordo com os praticantes, dentro do contexto da Bacia sedimentar do Araripe estão sendo explorados para a prática da escalada e rapel até a presente data a cidade de Nova Olinda, encontrando-se lá quatro vias de escaladas; o município de Missão Velha, encontrando-se duas vias e estando em destaque a Cachoeira de Missão Velha e, finalmente, a cidade do Crato onde se tem um paredão, chamado de *Batente*, para descer em rapel. Não sendo encontrada nenhuma via de escalada devido ao terreno de natureza sedimentar. Devido às características naturais, estas localidades constituem por si só um fator de motivação para a prática deste tipo de atividade.

3. ASPECTOS CONCEITUAIS DE MOTIVAÇÃO

Samulsky (2002) defende em seus estudos que a motivação está ligada a fatores individuais (vontade, curiosidade), a fatores externos (obstáculos, propaganda) e é dirigida a uma meta. Ressalta ainda que a motivação é determinada por dois fatores: o nível de ativação e a direção do comportamento (ver figura 3).

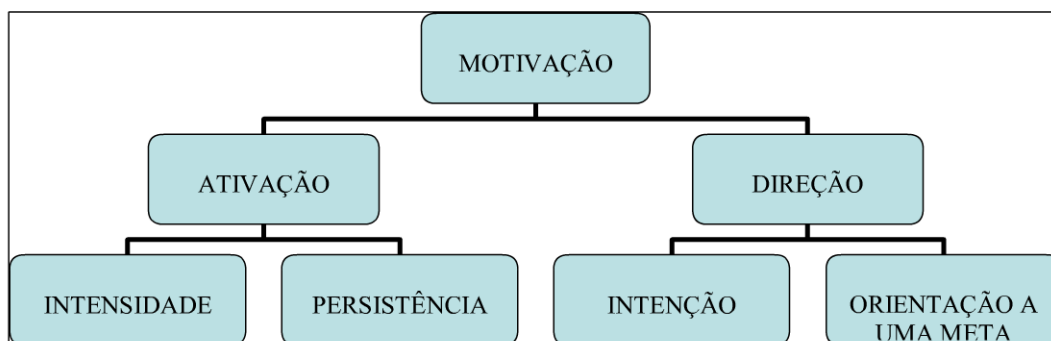


Figura 03: Determinantes da motivação (adaptada de SAMULSKY, 2002, p.104)

Para Maggil apud Paim (2001), a motivação está vinculada ao construto motivo, sendo que este é descrito como uma força interna, podendo ser um impulso, desejo ou vontade que leva um indivíduo a realizar uma tarefa ou agir de certa maneira. Assim percebe-se que a motivação sempre estará ligada ao comportamento, respondendo questões como: o que fazer, como fazer, para que e por que realizar determinado comportamento. Witter; Lomônaco (1984) ressalta a motivação como um agente analítico, onde o comportamento poderá ser “ordenado, classificado e conceitualizado”. Defende ainda a existência de variáveis motivacionais, que têm efeito sobre o comportamento, as quais são divididas em determinantes ambientais, forças internas: necessidade, desejo, emoção, impulso, instinto, vontade, propósito, interesse, entre outros; e incentivo, alvo ou objeto que atrai ou repele o organismo.

Quando se fala em motivação, deve-se levar em consideração o complexo mundo interior do homem, entendendo este mundo como sendo o local onde diferentes variáveis se encontram para, ali, formar suas forças motivadoras que lhe impulsionarão a este ou aquele caminho. “No momento em que o indivíduo manifesta interesse por determinada ação, diz-se que ele age em função de um objetivo. O objetivo aparece como algo desejável. O desejável pode apresentar-se como necessário, sem o qual o indivíduo não alcançará satisfação plena de suas tendências mais profundas e se sentirá desmotivado para procurar outros objetivos”. (KNIJNIK et al., 2001). A motivação aqui é vista como um fator que se dirige a um objetivo, ou seja, a motivação nos leva a realizar determinado comportamento com o intuito de satisfazer um objetivo. Dentre os estudos que permeiam o universo da motivação destaca-se em comum a necessidade de investigar os motivos que influenciam em um determinado comportamento, visto que o comportamento é motivado, é impulsionado por motivos. Weinberg; Gould apud Samulski (2002) vê a motivação como uma interação de fatores (figura 04). Segundo esse modelo a motivação à prática esportiva depende dos fatores subjetivos (pessoais), ou seja, tudo o que é inerente à personalidade e dos fatores situacionais, aqueles provenientes do meio.

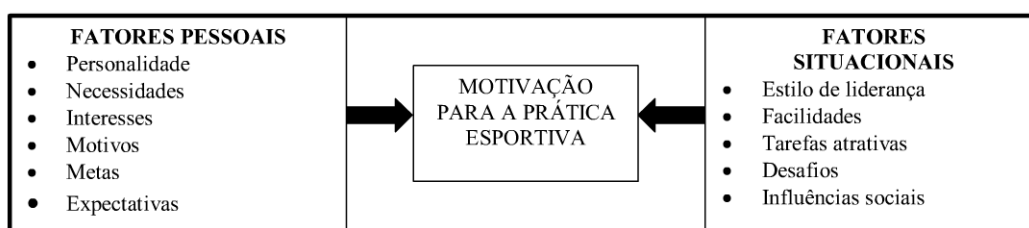


Figura 04: Motivação para praticar esporte como resultado de interação entre fatores pessoais e situacionais, adaptado de Weinberg; Gould apud Samulski (2002, p.104)

Segundo Cid (2002) a escolha de determinada modalidade não é feita de maneira aleatória, por trás dessa escolha está algo ou alguém, que conscientemente ou inconscientemente nos impulsiona. O interesse por uma atividade física está associado geralmente à ocupação dos tempos livres ou associado à saúde e bem-estar, dando resposta às nossas necessidades individuais e sociais. Tais necessidades variam, de acordo com idade, sexo, contexto, moda, fatores sociais, econômicos e culturais. Entre as necessidades subjetivas do homem encontra-se o espírito aventureiro, a vontade de se aventurar.

4. ESPÍRITO AVENTUREIRO

Costa (2000) ressalta a existência de um “homem total”, sendo visto como um ser formado por matéria e emoção, capaz de criar símbolos. Este símbolo é visto como um meio de revelar uma parte da realidade que não se encontra evidente. O homem cada vez mais se mostra preocupado com questões acerca de sua existência, vida e morte, com a sua subjetividade. Sempre procurando uma maneira de encontrar-se a si mesmo, isso o leva, cada vez mais, a um estado emocional superior, onde, através do símbolo, ele desenvolve, entre outros, o sentido do espírito aventureiro. Já que, segundo Eliade apud Costa (2000), os símbolos pertencem à substância da vida espiritual que é formada por uma variada gama de sentidos. Durand apud Ferreira (2003) ressalta que, para o homem, o mundo pode ser representado de duas formas: uma direta onde o objeto se apresenta contido na consciência e uma outra, indireta, cujo objeto não se permite à consciência por não estar presente concretamente. Com isso Ferreira conclui que “o símbolo é a representação de algum significado acessível à imaginação, mas não é passível de ser reduzido apenas a uma descrição lingüística” (p. 53). O símbolo leva ao inconsciente, ao indescritível, a um “invisível significado”, sendo isto representado concretamente. Desta forma o símbolo pode ser visto como um meio de darmos a um simples objeto uma representação sagrada, dando-lhe um significado grandioso, muitas vezes incompreendido e que varia de indivíduo para indivíduo na medida em que este evolui mediante o longo e complexo histórico de vida do homem.

O homem atual descobriu no espírito aventureiro, fortemente presente no esporte de aventura, uma forma de brincar com a realidade, utilizando as barreiras naturais para conquistar, “de modo simbólico, a si mesmo, desafiando seus próprios limites” Costa (2000, p.5). Ferreira (2003) da ao espírito de aventura um sentido de busca por novas

experiências corporais, novas emoções e sentimentos, encontrados no contato com a natureza onde há subsídios para influenciar esse espírito, tais como: rios, cachoeiras, aclives, entre outros que, juntamente com a companhia de praticantes possuidores de afinidades em comum e a curiosidade inerente a todo ser humano, formam uma euforia interna que pode iniciar na infância e perdurar por toda a vida. A verdadeira essência do espírito de aventura no ser humano mostra-se ligada a sua subjetividade e dispensa qualquer aparato tecnológico ou conhecimentos técnicos, é inerente à sua natureza, podendo ser desenvolvido ou suprimido ao longo da vida.

Associado ao espírito aventureiro encontra-se o sentido do risco que pode ser encontrado em toda a existência do ser humano se modificando ao longo do tempo. Se antes o homem via-se passível diante das adversidades, tendo seu futuro dependente de condições climáticas, sorte e depois por desejo divino, com o tempo ele percebeu que podia ter mais controle sobre seus atos e hoje o risco é visto como algo passível de controle. Costa (2000, p.91 e 92) ressalta que: “Qualquer decisão relativa a riscos envolve dois elementos distintos, inseparáveis: os fatos objetivos e a visão subjetiva do desejo do que será ganho ou perdido com a decisão. Isso quer dizer que objetividade, crenças e incertezas são elementos a serem considerados no risco [e afirma que] as estatísticas de acidentes com morte de alpinistas mostram que coragem, técnica e inteligência são insuficientes para bloquear a catástrofe. O perigo é permanente e exige atenção constante”. Portanto é possível concluir que independentemente de um fato ter sido racionalmente estudado para o controle de sua realização e do seu fim, este sempre estará sujeito a uma porcentagem de incertezas. Esse contexto relata a existência de imprevistos envolvendo traumas físicos, psicológicos e até morte, sugerindo que o risco é controlado até certo ponto, a partir daí a pessoa está sujeita aos imprevistos e, conseqüentemente, às adversidades inerentes a eles. Spink et al (2005) utilizam o termo *risco desejado*, usado para caracterizar atividades cujas incertezas no decorrer de sua realização e no seu resultado são inerentes, essenciais e propositais. Em seu estudo, apontam três teorias sobre as causas da procura por atividades que envolvam risco. São elas:

A abordagem psicológica de traços de personalidade: O risco desejado é visto como um traço de personalidade refletindo a busca por novas sensações e experiências mais complexas e diversificadas onde há disposição suficiente para a conquista, independentemente da existência de riscos físicos, psicológicos ou sociais para a sua concretização.

A teoria sobre caráter de Goffman: Aqui o autor fala sobre *Fateful activities* que é definido como atividades que despertam propriedades primárias (equilíbrio, persistência, força, etc) assim como o caráter que por sua vez compreende aspectos variados como “coragem, integridade e compostura”. Os aspectos do caráter podem ser expressos em ações corriqueiras, mas, alguns deles, só serão manifestados quando do descarte da prudência.

A abordagem do flow de Csikszentmihalyi e Mitchell: Nesta teoria a busca de sensações está relacionada com a criatividade e com a busca de sentido para a vida. Sendo destacado o conceito de *flow*, entendendo-se como uma experiência de flow aquela em que o indivíduo realiza algo sem preocupar-se com o passado ou futuro, aqui a ação e a consciência se fundem dando origem ao prazer.

O risco é inerente à vida de todo e qualquer ser humano, ao sair de casa para um dia corriqueiro de trabalho se está sujeito a toda uma imensidão de prováveis acontecimentos, desde um simples escorregão numa calçada molhada até o fato de ser atingido por um raio ao tentar atravessar a rua. As pessoas aprendem a conviver com esse risco que tende a se modificar com as mudanças ocorridas na economia, cultura, modo de vida, religião e ciências no passar dos anos. Nota-se também a disposição da sociedade ao lidar com o risco para se obter feitos considerados importantes e necessários, existindo uma facção de indivíduos que se satisfaz em presença do risco, para quem este não apenas é passível de controle, mas também é desejado. No que diz respeito aos praticantes de esporte de aventura pode-se destacar dois tipos: há aqueles que desejam tão fortemente a realização de um feito a ponto de estarem dispostos a conviver com o risco indispensável a sua conquista, por outro lado há um outro tipo de indivíduo para quem o risco se apresenta como “prato principal”, este deseja o risco e faz uso dos esportes de aventura para que o seu desejo seja realizado. É preciso destacar que o praticante de esportes de aventura não pode ser considerado como uma pessoa que não se importa com a preservação da sua vida, pelo contrário, em se tratando de qualquer um dos tipos citados acima, percebe-se uma grande preocupação para com a segurança pessoal. O aventureiro tende a controlar os riscos inerentes a prática a ser realizada, para tanto o material, o terreno, a qualidade técnica e as condições físicas dos praticantes são fatores de extrema importância ao preparar-se para uma aventura. Com isso, para fins de melhor entendimento, o estudo usou o termo *risco controlado* para denominar a **sensação** de perigo iminente, o prazer está justamente nessa sensação, o risco é simbólico. Na prática do rapel, mesmo tendo a certeza de que os materiais de segurança garantem a sua integridade, o indivíduo tem dificuldade em sair do estado natural de permanecer em pé firme ao chão.

7. METODOLOGIA

Para melhor entendimento foram designados os procedimentos metodológicos para que se tenha conhecimento dos mecanismos que foram utilizados na realização da pesquisa. Escolheu-se para a realização do referido estudo a pesquisa do tipo descritiva com o intuito de promover “descrição, registro, análise e interpretação de fenômenos atuais, objetivando o seu funcionamento no presente.” (BEST apud MARCONI e LAKATOS, 2002, P.20) e, ainda, para promover aproximação e visão geral do objeto de pesquisa analisando e estudando os fatos sem manipulá-los (CERVO; BERVIAN, 1983). A pesquisa utilizada é caracterizada, também, como pesquisa de campo, por possibilitar contato direto com o fenômeno estudado (BARROS; LEHFELD, 1986).

A população foi constituída por 30 indivíduos praticantes de escalada e rapel, dos quais 18 são do sexo masculino e 12 do sexo feminino, pertencentes à faixa etária de 20 a 30 anos, moradores das cidades do Crato e Juazeiro

do Norte e que realizam a prática da escalada e do rapel na região da Bacia Sedimentar do Araripe. A amostra foi do tipo não probabilística, pois não se fez uso de formas aleatórias de seleção (MARCONI e LAKATOS, 2002).

Foi utilizado como meio para levantamento de dados o questionário, entendendo-o como um “tipo de levantamento por escrito utilizado na pesquisa descritiva, no qual a informação é obtida pedindo-se aos sujeitos que respondam às questões” (THOMAS e NELSON, 2002, p.208). Foi utilizado como base para formação do instrumento deste estudo o questionário utilizado por Oliveira (1994). Este contém questões abertas, permitindo ao informante liberdade para expressar livremente suas idéias, e fechadas, requerendo uma resposta específica. Dentre as questões abordadas, oito são referentes aos dados pessoais dos praticantes. Depois se segue um conjunto de dezesseis motivos que podem levar o indivíduo à prática da escalada e rapel, onde para cada motivo são oferecidas três alternativas organizadas em escala de importância (sem importância, importante e totalmente importante), indicando o grau que cada um dos motivos teve para o ingresso do indivíduo na escalada e no rapel. Nas questões abertas, o indivíduo tem a oportunidade para manifestar-se de maneira pessoal, indicando outros motivos não mencionados no questionário de perguntas fechadas e relatando sensações sentidas durante a realização das atividades estudadas. O instrumento foi aplicado através do contato direto feito pela pesquisadora. Cada participante foi devidamente informado a respeito da individualidade e sigilosidade das respostas. Os dados coletados foram analisados descritivamente. Sendo que as respostas foram agrupadas em categorias temáticas semelhantes. Onde aquelas relativas aos motivos de aderência foram divididas em: Aspectos fisiológicos, saúde e estética; Ambiente de prática; O lado social e Influência. Já aquelas relativas as sensações sentidas e descritas pelos praticantes obtiveram a seguinte divisão: sensações adquiridas durante a escalada (subida), no início da descida, durante a descida (rapel) e no retorno.

8. RESULTADOS E DISCUSSÃO

8.1 – Perfil dos Participantes.

Em relação ao perfil do público alvo participante da pesquisa, a faixa etária varia entre 20 e 30 anos, sendo 13 sujeitos entre 20 e 22 anos, (43,3% da amostra), 10 entre 22 e 23 anos, (33,4%), 06 entre 24 e 26 anos (20%) e 01 indivíduo com 30 anos (3,3%). Quanto ao gênero, a amostra foi constituída por 18 homens (60%) e 12 mulheres (40%). Em relação ao estado civil 90% dos entrevistados são solteiros e 10% são casados. Quanto ao nível de escolaridade, 10% dos entrevistados possuíam formação em nível superior, 73,4% possuíam nível superior incompleto e 16,6% haviam concluído apenas o ensino médio. Em relação a classe econômica, 60% da amostra considera-se pertencente à classe média e 40% à classe baixa. A respeito da questão sobre a frequência de prática, 30% alegou praticar a atividade 1 a 2 vezes por semana, 33,3% 1 a 2 vezes por mês. 3,3% dos participantes da pesquisa praticaram a escalada e o rapel em apenas duas ocasiões e 23,3% praticou apenas uma vez. As respostas obtidas a respeito do tempo de prática mostraram que 36,6% praticam há menos de seis meses, 30% começaram a praticar de 6 meses a um ano atrás, 23,4% de 2 a 4 anos e 10% de 5 a 8 anos. Em relação às atividades praticadas, percebe-se que alguns indivíduos participavam em mais de uma modalidade de esporte de aventura além da escalada e do rapel, sendo as modalidades mais citadas o mountain bike que foi citado por 53,33% dos sujeitos e o trekking que obteve o mesmo percentual, ao passo que a corrida de orientação foi citada por 13,33% dos indivíduos.

8.2 Motivos para a Prática de Escalada e Rapel

Em seguida serão analisados os motivos que levaram os indivíduos a começar a praticar escalada e rapel. Para facilitar essa análise, os motivos foram agrupados em quatro categorias distintas: Aspectos fisiológicos, saúde e estética; Ambiente de prática; O Aspecto social e Influência.

8.2.1 Aspectos fisiológicos, Saúde e Estética: Este grupo de motivos engloba a melhoria da capacidade física, a melhoria da capacidade orgânica, o emagrecimento, o enrijecimento da musculatura e a hipertrofia.

No que concerne ao motivo, melhoria da capacidade física, a maioria dos questionados (16), com percentual de 53,34% o considera importante, doze indivíduos correspondentes a 40% dos questionados o consideram totalmente importante e apenas dois indivíduos, com percentual de 6,66% o consideram sem importância (figura 5). 66,66% dos participantes (20) declaram a melhoria da capacidade orgânica um motivo importante, 26,68% (8) um motivo totalmente importante e apenas 6,66% destes (2) a consideram como sendo sem importância (figura 6).

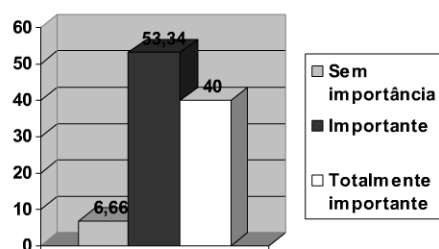


Figura 05: Melhoria da Capacidade Física; dados do presente estudo (2006)

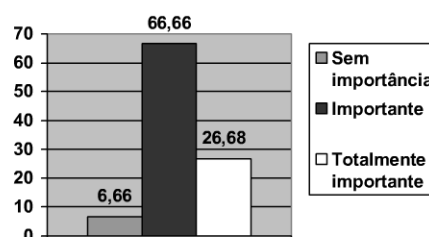


Figura 06: Melhoria da Capacidade Orgânica; dados do presente estudo (2006)

O quesito emagrecimento foi relatado por 22 praticantes, com percentual de 73,33% que consideram este um motivo sem importância, oito indivíduos correspondentes a 26,68% dos questionados que o considera importante, contudo nenhum dos questionados o considerou totalmente importante (figura 07). A maioria dos questionados (20), com percentual de 66,66% considera o enrijecimento da musculatura um motivo importante, seis indivíduos correspondentes a 20% dos questionados o consideram totalmente importante e apenas quatro indivíduos, com percentual de 13,34% o consideram sem importância. No que diz respeito a hipertrofia, a maioria dos questionados (20), com percentual de 66,66% considera a melhoria da capacidade orgânica um motivo importante, oito indivíduos correspondentes a 26,68% dos questionados o consideram totalmente importante e apenas dois indivíduos, com percentual de 6,66% o consideram sem importância.

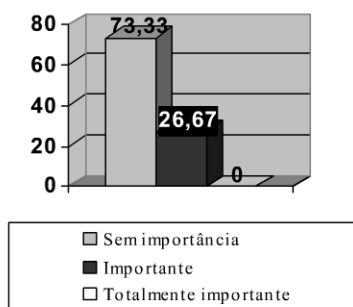


Figura 07: Emagrecimento; dados do presente estudo (2006)

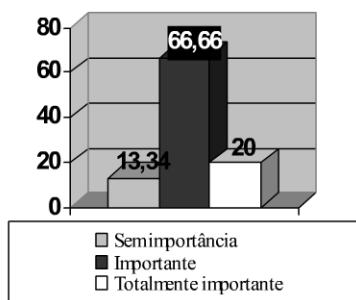


Figura 08: Enrijecimento da musculatura; dados do presente estudo (2006)

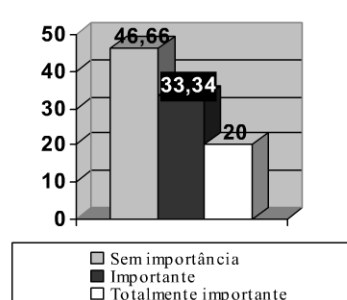


Figura 09: Hipertrofia; dados do presente estudo (2006)

O interesse pelas capacidades fisiológicas, saúde e estéticas aparece no presente estudo de maneira moderada, não se mostrando com a mesma valorização encontrada em atividades de academias de ginástica. Pode-se perceber isso em um estudo feito por Chagas e Samulski, citado por Samulski (2002) onde dentre os cinco fatores motivadores que levam indivíduos à frequentarem academias de ginástica destacados, quatro deles estavam relacionados a estética, condicionamento físico e saúde.

8.2.2 Ambiente de Prática: Referente ao gosto por atividades ao ar livre, interação com a natureza, conhecimento da região da Bacia e rejeição a prática em ambientes fechados.

A grande maioria dos questionados (29), com percentual de 93,67% considera o gosto por fazer exercícios ao ar livre um fator totalmente importante para o ingresso nas práticas de escalava e rapel, apenas um indivíduo correspondente a 3,33% dos questionados o considera um fator importante, sendo que nenhum dos entrevistados considerou o motivo sem importância (figura 10). Situação semelhante é relatada no que diz respeito a interação com a natureza citado por 29 pessoas (93,67%) como sendo um motivo totalmente importante para o ingresso nas práticas de escalava e rapel, e por apenas 01 indivíduo (3,33%) como um fator importante, não sendo atribuído falta de importância a este motivo (figura 11).

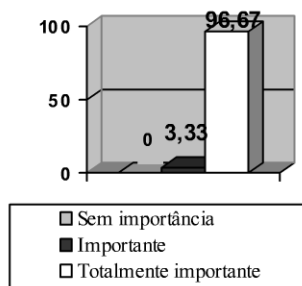


Figura 10: Gosto por fazer exercícios ao ar livre; dados do presente estudo (2006).

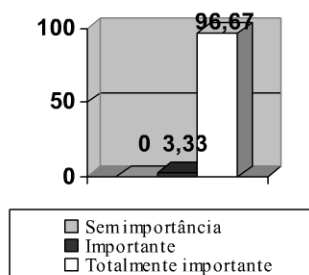


Figura 11: Interação com a natureza; dados do presente estudo (2006).

No que concerne ao motivo conhecer melhor a Chapada do Araripe, 73,34% (22 indivíduos) o considera totalmente importante, 20% dos questionados (06 sujeitos) o consideram importante e apenas de 6,66% (02 participantes) o consideram sem importância (figura 12). O fato de não gostar de atividades em ambientes fechados foi citado por 16 pessoas, (53,34%) como sendo um motivo importante para o ingresso nas práticas de escalava e rapel, por 12 indivíduos, (40%) como um fator totalmente importante, sendo que 02 deles (6,66%) o considerou como um motivo sem importância (figura 13).

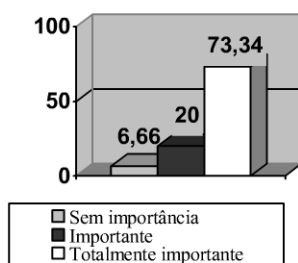


Figura 12: Conhecer melhor a chapada do araripe; dados do presente estudo (2006).

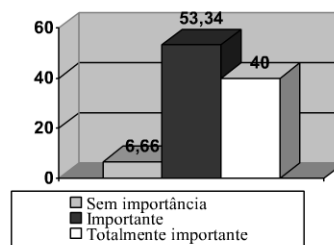


Figura 13: Não gostar de atividades em ambientes fechados; dados do presente estudo (2006).

Com essa categoria percebe-se um grande interesse dos esportistas de aventura em relação ao espaço onde está sendo realizada a atividade, que no referido estudo trata-se da Chapada do Araripe. Esse interesse em ambientes naturais, abertos, pode ser explicado na visão de Costa e Tubino, 1998, p.(27) porque “elas demandam uma cultura esportiva que manifesta interesses novos e diversos ligados às chamadas práticas esportivas outdoors, que se desenvolvem desfrutando uma bela paisagem,[...] onde são desenvolvidas as sensações de amplidão, de infinito, de espaço sem limitações. Assim, o indivíduo tem a necessidade de romper com a rotina da vida diária e aproximar-se da natureza com o intuito de usufruir suas características e peculiaridades, para então poder conquistar uma vida simples e prazerosa.

8.2.3 Aspecto Social: Este grupo está relacionado a aspectos como estar com amigos, pertencer a um grupo, status social.

O quesito estar com amigos é considerado por 46,67% (14 sujeitos) como um motivo totalmente importante, sendo que outros 14 praticantes, obtendo a mesma percentagem o consideraram importante e apenas dois indivíduos, com percentual de 6,66%, o consideraram sem importância (figura 14). 53,34% (16 indivíduos) consideram o fato de pertencer a um grupo um motivo sem importância, 40% dos questionados (12 deles) o considera um fator importante, enquanto que apenas 02 dos entrevistados o considerou como um motivo totalmente importante (figura 15). No que diz respeito ao status social, 60% dos sujeitos o considerou um motivo sem importância, 26,66% dos questionados o consideram importante e 13,34% o consideram sem importância (figura 16).

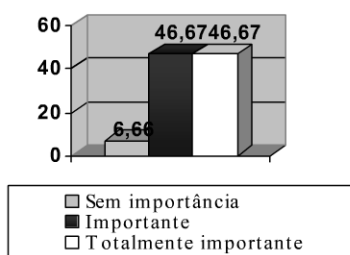


Figura 14: Estar com amigos; dados do presente estudo (2006).

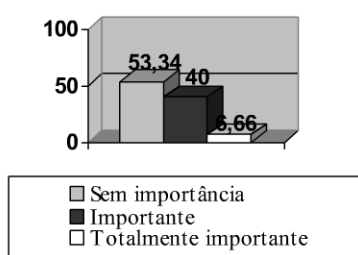


Figura 15: Pertencer a um grupo; dados do presente estudo (2006).

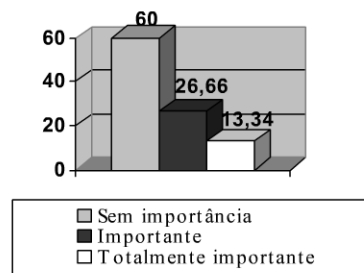


Figura 15: Status social; dados do presente estudo (2006).

As relações no lazer dos homens com eles próprios e com a natureza, também precisam de olhares sensíveis, pois, são nos momentos de aventura, de desafios que os homens demonstram as suas intenções, solidárias ou não. (BEZERRA, SENA, 2002). Dentre os três motivos que permeiam o lado social, assim como aqueles que permeiam a interação com a natureza, percebe-se que os dois esportes de aventura aqui estudados estão mais relacionados com a inter-relação entre pessoas (personalidades) e natureza. Os esportistas podem assim fazer trocas de experiências durante a prática e, acima de tudo, mostrar-se, durante momentos de êxtase, o seu verdadeiro eu e como ele irá se portar durante estados de euforia, alegria, risco, medo, sensações tão presentes dentre os esportes de aventura aqui estudados. Costa, 2000, ressalta que nessas práticas são desenvolvidos grupos, onde são compartilhadas as sensações vivenciadas nas trajetórias e “os sentidos” que foram atribuídos por eles a essas sensações.

8.2.4 Risco e Superação: Formado pelos motivos superar limites técnicos, físicos e psicológicos e a sensação de risco.

O motivo correspondente a superação de limites foi considerado por 18 dos participantes da pesquisa (60%), um fator totalmente importante, por 10 participantes (33,34%), um fator importante e por dois questionados (6,66%) um fator sem importância (figura 16). A sensação de correr risco foi citada por dezesseis participantes (53,34%) como sendo um motivo totalmente importante para o ingresso nas práticas de escalada e rapel, por quatorze indivíduos, (46,66%) como um fator importante, sendo que dois deles, (6,66%), o considerou um motivo sem importância (figura 17).

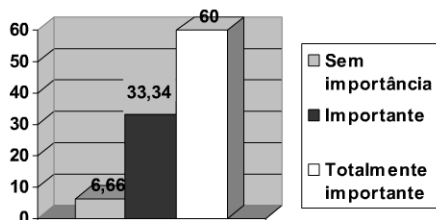


Figura 15: Superação de limites; dados do presente estudo (2006).

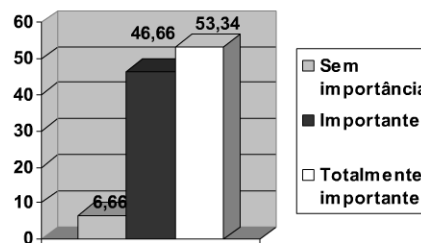


Figura 15: Sensação de correr riscos; dados do presente estudo (2006).

O risco calculado segundo Costa e Tubino (1999), explode no fascínio pela vertigem, uma espécie de enfrentamento simbólico da morte, a qual dá força e valor pessoal ao gosto por percorrer vias, subir alto, enfim, situações que promovem constantemente sensações intensas e significativas. O risco leva à vontade para superar desafios, essa vontade gera uma força impulsionadora interior, vislumbrando o aventureiro a reforçar o gosto pelo perigo.

8.2.5 **Influência:** Neste grupo foi destacado o motivo relativo à influência da família, amigos, professores, treinador ou mídia.

A influência se mostrou para dezoito dos entrevistados (60% da amostra) como um fator importante. Outros dez praticantes (33,34%), consideraram a influência um motivo sem importância e dois praticantes (6,66%) a considera um fator importante (figura 18).

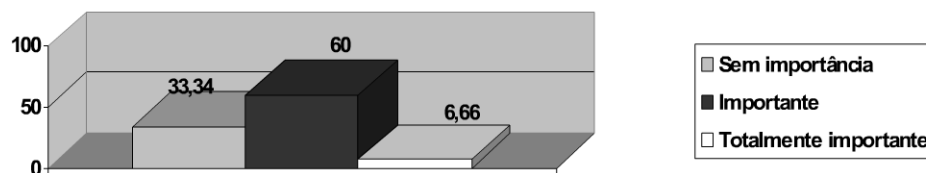


Figura 15: Sensação de correr riscos; dados do presente estudo (2006).

Garcia (2000) destaca a extrema importância que a mídia tem em influenciar consideravelmente no que concerne ao contato com os esportes de aventura, destacando as produções de imagens sedutoras capazes de impulsionar as pessoas à prática. Na região nota-se que a comercialização desse tipo de atividade ainda está em ascensão, já tem-se exemplos de empresas e com elas começam a aparecer folhetos, cartazes, e reportagens em jornais locais. Com isso nota-se, através desse estudo, que obteve dezoito pessoas considerando importante a influência externa para a aderência nas atividades de escalada e rapel, que essa crescente mídia e, conseqüentemente, os comentários gerados por elas e pelos praticantes que não param de surgir já começam a gerar certa influência impulsionadora para essas práticas.

8.3. Sensações descritas pelos aventureiros

A ultima questão do questionário foi elaborada para fazer com que o questionado tivesse liberdade para descrever todas as sensações obtidas durante a prática, as respostas acolhidas foram divididas em sensações adquiridas durante a escalada (subida), no início da descida, durante a descida (rapel) e no retorno.

8.3.1 **A subida:** Pode-se identificar nas palavras dos aventureiros que o processo de escalada está vinculado ao sentido de desafio.

“Na escalada a principal sensação é a superação, a força de vontade enorme, tentando chegar ao ponto mais alto”. Nesta fala pode-se perceber o que Costa (2000) defendeu sobre a conquista, na medida em que a relata como sendo algo passível de construção gradativa e, na medida em que cada segmento é vencido, tem-se uma pequena vitória festejada. Isso fica claro quando o aventureiro ressalta a sua força ao tentar chegar ao topo, mostrando a sua preocupação em ressaltar a importância da subida, ou seja, a sua conquista gradativa que culmina no topo, tendo-se, ali, sensações de autoconfiança, competência e realização.

“Primeiro a sensação de desafio, um gigante imóvel que lhe enfrenta [refere-se ao paredão]. A euforia da superação e o medo do inesperado criam uma sensação de prazer e ansiedade indescritível”. Percebe-se aqui a visão do aventureiro para com o objeto prestes a ser conquistado. “Entre a montanha e o escalador parece desenvolver-se uma comunicação corporal decifrada por ambos para oferecer-lhe adaptação e permitir-lhe a passagem, momentos de êxtase” (COSTA, 2000, p.176).

8.3.2. **Início da descida:** Nesta fase foi encontrada na maioria dos depoimentos a sensação de medo, esse medo está vinculado ao risco psicológico.

“A transição do estado natural do corpo para o estado horizontal no início do rapel é, com certeza, a parte mais emocionante. É onde o medo toma conta do seu corpo e lhe faz duvidar da sua coragem em se desvencilhar da sua segurança para lançar-se no abismo”. O risco é inerente à natureza do homem, como já salientado na revisão da literatura, em qualquer setor da sua vida, na prática da escalada e do rapel não é diferente, mesmo de forma lúdica, onde se tem o perigo minuciosamente calculado. “A maior dificuldade é vencer o interior, é vencer a si mesmo, é vencer os demônios da terra que estão agasalhados em nós e que tentam nos impedir de alçar voo na direção de nossa libertação.” (COSTA, 2000, p.172).

8.3.3. A descida: Aqui foram encontradas com mais frequência sensações de liberdade e tranquilidade.

“Durante a descida tudo se torna agradável já que o medo tem diminuído então... se pode curtir a paisagem, a altura”. Nota-se que, nesse estado, o praticante se desvincula um pouco da sensação de risco para lançar-se num emaranhado de possibilidades, ilimitados sentimentos inerentes aos elementos da natureza encontrados na descida através do rapel.

8.3.4. O retorno: A felicidade e a euforia foram, pela grande maioria, citadas como sensações predominantes ao retornar ao chão.

“Quando termina a euforia é enorme, são poucos os momentos da vida que se sente algo daquela forma”. Pode-se perceber na fala do aventureiro que a euforia sentida foi permitida pelo fato de ele ter conseguido realizar toda a sua tarefa com maestria, tendo percorrido todas as etapas daquela jornada.

“No final uma sensação de leveza e vontade de repetir o feito”. Aqui tem-se a possibilidade de reinício da aventura, podendo vê-la como um ciclo: começa saindo do estado natural do ser humano, eleva-se para outro estado (escalada), passa-se por uma transição (início da descida), voltando por uma via alternativa de acesso (descida), chegando ao ponto de partida (retorno) pronto para o reinício.

9. CONCLUSÃO

O intuito desse trabalho girou em torno de discorrer sobre os fatores inerentes na questão da aderência às atividades de escalada e rapel praticadas na região da Bacia Sedimentar do Araripe. O estudo buscou entender um pouco do universo daqueles que resolvem sair do seu convívio tecnológico recoberto de conforto para lançar-se numa imensidão de incertezas. De início foi constatada certa preocupação com a saúde e o lado estético, contudo logo percebe-se que essas respostas não são de abrangência significativa para os anseios desses aventureiros. Já a busca por um ambiente confortável, diferente, onde ele possa fugir do seu cotidiano em rumo ao autoconhecimento se mostrou, em nosso estudo, de maneira bastante significativa entre os seus objetivos. Percebe-se ainda uma relativa necessidade e preocupação em relacionar-se com o próximo, podendo compartilhar experiências, expectativas e sensações. O gosto expresso por sensações de risco e a vontade para superar limites, tendo o intuito de desafiar-se a si próprio, foram destacados como motivos totalmente importantes para a prática dos referidos esportes de aventura. A influência externa foi apontada como um importante motivo para a aderência na escalada e no rapel. Por fim obteve-se, através de um estudo aprofundado dos depoimentos adquiridos dos praticantes, algumas das sensações percebidas por eles durante a prática das atividades de aventura aqui estudadas, onde as mais citadas foram as sensações de conquista e superação, durante a escalada; medo e risco, durante a saída para o rapel; liberdade e tranquilidade, na descida e euforia e felicidade, na chegada ao chão. Ficou, então, evidente que há muitos fatores que levam à prática da escalada e do rapel na região da Bacia Sedimentar do Araripe, as informações obtidas nesse trabalho podem apontar sugestões que permitam ampliar a compreensão do universo relativo a tais práticas, como também a outras práticas de esportes de aventura junto a esse enorme complexo coberto de diversidades que é a Bacia Sedimentar do Araripe.

10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA, Elizabeth Jatobá; SENA, Dianne Cristina Souza de. Lazer e natureza: história de vida de praticantes de esportes de aventura na natureza. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE, LAZER E DANÇA, VIII, 2002, Ponta Grossa, PR. **As ciências sociais e a história da educação física, esporte, lazer e dança. (Anais...)**. Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2002.

COSTA, Vera Lucia de Menezes. *Esportes de aventura e risco na montanha: um mergulho no imaginário*. São Paulo: Manole, 2000.

COSTA, Vera Lúcia de Menezes; TUBINO, Manoel José Gomes. Esportes praticados na areia da praia: representações simbólicas do espaço lúdico. *Artus*, v18, f1, p.27-37, 1998. Disponível em: <http://www.ugf.br/editora/revistas/artus/arquivos/art2.pdf>. Acesso em: 21/01/2006
CID, Luiz Filipe. Alteração dos motivos para a prática desportiva das crianças e jovens. **EFDPORTES REVISTA DIGITAL**, Buenos Aires, v. 8, Nº 55, dezembro, 2002. 2p. Disponível em: <http://www.efdeportes.com>. Acesso em: 13/02/2006

GARCIA, M. A. **Esporte e meio ambiente**: discutindo a questão ecológica. Universidade Estadual Paulista: Rio Claro, 2000

KNIJNIK, J.D.;GREGUOL,M.; SILENO,S. Motivação no esporte infanto-juvenil: uma discussão sobre razões de busca e abandono da prática esportiva entre crianças e adolescentes. **Revista do Instituto de Ciências da Saúde**, v19, fl, p7-13,2001. Disponível em: <http://www.boletimef.org/?canal=12&file=689>. Acesso em: 04/04/2006

NIEMAN, David C. ***Exercício e saúde: como se prevenir de doenças usando o exercício como seu medicamento***. Trad. Marcos Ikeda. São Paulo: Manole, 1999

PAIM, M.C.C. Fatores motivacionais e desempenho no futebol. **Revista de Educação Física/UEM**. v.12, n.2, p.73-79, 2001.

PONTE, F. C.; APPI, C. J. In: Congresso Brasileiro de geologia. 1990. Natal. XXXVI, p.211 - 226.**Proposta de revisão da coluna litoestratigráfica da Bacia do Araripe (Anais...)**.

ROMANINI, Vinicius; UMEDA Marjorie. ***Esportes de aventura ao seu alcance***. São Paulo: Bei Comunicação, 2002

SAMUSKI, Dietmar. ***Psicologia do esporte***. São Paulo: Manole, 2002

SPINK, Mary Jane P., et al. **Da Exacerbação dos Sentidos no Encontro com a Natureza: Contrastando Esportes Radicais e Turismo de Aventura**. 2005.40f
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,São Paulo.

UVINHA, Ricardo Ricci. ***Juventude, lazer e esportes radicais***. São Paulo: Manole, 2001

WITTER, Geraldina Porto; LOMÔNACO, Fernando Bitencourt. **Psicologia da Aprendizagem**. São Paulo: Ed. Pedagógica e Universitária. LTDA, 1984. 456 p.